

O TEXTO LITERÁRIO COMO PROCESSO DE INTERPELAÇÃO E DE IDENTIFICAÇÃO DE SUJEITOS-APRENDIZES EM AULAS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

SOUZA JÚNIOR, Jorge Rodrigues

(PG-FFLCH/USP)

jorgersjunior@usp.br/jorgersjunior@yahoo.com.br

RESUMO

Em nosso trabalho discutiremos a materialidade linguístico-discursiva do texto literário em livros de Espanhol Língua Estrangeira (doravante ELE), como processo de interpelação e de identificação de sujeitos-aprendizes com os sentidos e dizeres de uma língua estrangeira, em contextos formais de aprendizagem. Para tal, analisaremos como duas produções de práticas de leitura e de interpretação de texto literário em livros didáticos (doravante LD) de ELE para brasileiros, propostos para serem utilizados no Ensino Médio, configuram o que pode e deve ser interpretado.

A partir de nossa investigação realizada no mestrado (SOUZA JUNIOR, 2010) pretendemos, neste trabalho, problematizar o uso do LD como instrumento linguístico (cf. AUROUX, 1992 e DINIZ, 2008) utilizado em um espaço institucional como a escola, ambos reguladores de sentidos, que promovem a divisão social da leitura ao abordar o texto literário enquanto arquivo (cf. GADET & PÊCHEUX, 2004), ao determinar os gestos de interpretação do que pode e deve ser lido, e de quem pode fazê-lo. Este funcionamento interdita os diferentes gestos de interpretação que poderiam realizar-se, em práticas cuja leitura se realiza na organização (que é imaginária) dos sentidos, no foco na organização lexical e sintática da língua, em que efeitos de transparência, de literalidade e de evidência realizam o apagamento da inscrição da língua na história, da ordem do discurso (cf. ORLANDI, 2007).

Nossa hipótese é a de que uma abordagem que neutraliza as condições de produção de um texto literário, ao direcionar os gestos de leitura por processos reguladores determinados pela textualização do texto literário no LD poderá, não somente, apagar uma memória histórica que é constitutiva de todo processo enunciativo, mas, também, legitimar e alçar como única interpretação possível uma memória oficial (cf. MARIANI, 1998). Pensar nesta possibilidade, de uma interpretação tomada como única a ser realizada no ambiente escolar, estabilizada e institucionalizada, naturalizada e convocada nos espaços, momentos e lugares de leitura determinados pela escola, neutraliza as condições sócio históricas de produção. Passa a funcionar discursivamente como arquivo, em que são apagadas as condições de produção da constituição, da formulação e da circulação do texto literário, ademais da remissão da autoria de tal texto

a um nome social de autor (cf. FOUCAULT, 1992), que confere unidade e individualiza o texto. Tal interdição a um trabalho interpretativo da materialidade do texto literário em língua estrangeira, de suas condições de produção, e a neutralização de sentidos e dizeres que permeiam um texto determinarão a inscrição do sujeito-aprendiz no simbólico da língua que aprende, e de sua relação com as línguas (seja a materna ou as demais línguas que conhece).

Além dessa problematização é importante pensar a função-autor (ORLANDI, 1987) como princípio de unidade do texto, ao configurar uma dispersão de discursos em uma unidade textual, e de seu outro, o efeito-leitor – a leitura projetada por essa função-autor e que deixa marcas na formulação e no modo de circulação do discurso –, tanto do texto em si como das práticas de leitura e de interpretação propostos com o texto, como determinantes dos processos interpretativos a serem realizados e da inscrição da subjetividade do sujeito-aprendiz em processos de identificação e de interpelação em relação à língua estrangeira.

Pretendemos neste trabalho refletir sobre produções de práticas que envolvem a literatura em LD's de espanhol para brasileiros, utilizados em contexto formal de aprendizagem. Nosso olhar se centrará em duas atividades propostas para interpretação de textos literários, e se tais atividades mobilizam e/ou interpelam o sujeito em relação ao funcionamento desses textos, analisando como se instaura o confronto da materialidade lingüística com o sujeito. Em SOUZA JUNIOR (2010) partimos de uma perspectiva discursiva da linguagem, analisando materiais didáticos pensados sob o enfoque comunicativo, em que a apresentação dos temas a serem estudados se dá a partir de situações comunicativas e descontextualizadas. Ao analisar o trabalho com textos literários em livros didáticos de espanhol para brasileiros e propor o uso de antologias de dramaturgia argentina em práticas de ensino dessa língua, a partir de alguns temas abordados pelas unidades dos livros didáticos analisados, concluímos que o texto literário permite não só um trabalho de interpretação que põe em jogo sentidos e dizeres que remetem a uma memória da língua estrangeira, como também permite pôr em análise a materialidade lingüística, sua ordem sintática, fonética e morfológica, o que reforça a possibilidade e a importância de que em processos de interpretação de textos em sala de aula haja práticas de ensino que abordem não somente a ordem do interdiscurso, mas também o intradiscurso, e o quanto são interdependentes essas instâncias.

Ademais, postular o uso de textos literários em aulas de língua estrangeira traz questões a serem analisadas: na ocorrência dos textos literários nos livros didáticos há um funcionamento outro do que aquele em que tal texto foi produzido, pois as condições de produção dos textos literários são diferentes das dos enunciados elaborados pelos autores dos livros a partir desses textos. Conforme essa questão, a problematização da função-autor e de seu efeito-leitor (ORLANDI, 1987) nos indica esse jogo contraditório que demanda várias possibilidades de interpretação ao sujeito-aprendiz, mobilizando sentidos, leituras e interpretações frente à língua estrangeira. Ou, o processo contrário, por atividades que impõem ao sujeito-aprendiz uma determinada interpretação, única e

fechada, que silencia e recorta sentidos. Analisar a função-autor em funcionamento na textualização dos textos literários nos LD's nos permite configurar qual perfil de leitores os autores levam em consideração ao realizar o trabalho com a literatura nos livros didáticos; como Orlandi (2005), pensando no confronto em uma forma-leitor projetada no livro didático e a constituição desse sujeito-aprendiz em leitor, em como se dá o trabalho com essa contradição. Seguindo com Orlandi (idem), investigar “a produção do efeito-leitor a partir da materialidade mesma do texto em sua relação com a discursividade e os diferentes gestos de interpretação que aí se dão”.